

## ESTUDO SEMÂNTICO COMPARATIVO DO SISTEMA DE ARTIGOS EM PORTUGUÊS E DOS MECANISMOS DE MARCAÇÃO DE DETERMINAÇÃO EM CHINÊS

### COMPARATIVE SEMANTIC STUDY OF THE ARTICLE SYSTEM IN PORTUGUESE AND THE DETERMINATION MARKING MECHANISMS IN CHINESE

Jing Zhang\*  
jingz@um.edu.mo

Um traço diferenciador entre a língua portuguesa e a língua chinesa é que a primeira possui um sistema de artigos e a segunda recorre a outros mecanismos para marcar a definitude no sintagma nominal (SN). O presente trabalho compara as duas línguas, descrevendo a relação entre os dois sistemas de marcação de determinação e os tipos de SN classificados com base no modelo dos dois traços binários de Huebner (1983), segundo o qual o uso do artigo depende das propriedades semânticas do SN. Os resultados do estudo comparativo contribuem para ajudar os alunos de língua materna chinesa a entender melhor como aplicar corretamente os artigos portugueses, estando cientes de que os artigos portugueses codificam a definitude, não a especificidade.

**Palavras-chave:** Traços binários. Artigos portugueses. Mecanismos de marcação de determinação. Língua chinesa

A distinguishing feature of the Portuguese language and the Chinese language is that the former has an article system and the second uses other mechanisms to mark the definite or indefinite status of noun phrase (NP). The present work compares the two languages, describing the relationship between the two determination marking systems and the types of NP classified based on the model of the two binary features of Huebner (1983), according to which the use of the article depends on the semantic properties of NP. The results of the comparative study may help Chinese-speaking students to better understand how to correctly use Portuguese articles, being aware that Portuguese articles encode definiteness, not specificity.

**Keywords:** Binary features. Portuguese articles. Determination marking mechanisms. Chinese language

---

\* Departamento de Português, Faculdade de Letras, Universidade de Macau.  
ORCID: 0000-0003-4801-6354

## 1. Introdução

A Língua Chinesa (LC) é diferente da Língua Portuguesa (LP) em diversos aspetos, um dos quais reside no facto de a LC não ter um sistema de artigos. Este traço diferenciador é um dos que, muitas vezes, causa dificuldades aos alunos de língua materna chinesa no processo de uso da LP. Os artigos na LP classificam-se em artigos definidos (AD) e artigos indefinidos (AI). *A Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha e Cintra (2002, p. 212) descreve que “a determinação dos substantivos vai-se tornando mais precisa à medida que se passa do ARTIGO INDEFINIDO para o ARTIGO DEFINIDO...”. Pode-se verificar que existe uma ligação íntima entre o uso do artigo e a interpretação da determinação do nome.<sup>1</sup> Para facilitar o uso desta categoria gramatical não instanciada na LC, faremos um estudo comparativo entre o sistema de artigos da LP e os mecanismos chineses de marcação de determinação, recorrendo ao modelo dos traços binários de Huebner (1983), segundo o qual o uso dos artigos depende das propriedades semânticas do sintagma nominal (SN).

## 2. Traços binários

Bickerton (1981, pp. 248–249) propôs uma abordagem sistemática para a análise do uso do sistema de artigos em inglês, considerando que o seu uso é governado pela função semântica do SN no discurso. Baseando-se nesta pesquisa, Huebner (1983, p. 132) fez uma classificação semântica do sistema de artigos intitulada *Roda Semântica*, segundo a qual a referencialidade é classificada pelos dois traços binários: (i) [ $\pm$  Referente Específico] ([ $\pm$  SR]), que indica se um SN se refere a uma entidade específica ou se a sua referência não é específica; e (ii) [ $\pm$  Presumidamente Conhecido pelo Ouvinte] ([ $\pm$  HK]), quando os falantes assumem que o referente de um SN é do conhecimento do ouvinte ou, pelo contrário, não é conhecido por ele. Todos os SNs no discurso podem ser classificados como um dos resultados da combinação destes dois traços.

Baseando-se nos dados recolhidos através das falas espontâneas em língua inglesa, recolhidas de três em três semanas no espaço de um ano, Huebner (1983, 1985) fez uma análise longitudinal e mostrou como um falante nativo de Laos conseguiu diferentes soluções para o problema de como marcar um nome com um AD em fases diferentes do desenvolvimento da sua interlíngua. O mesmo autor verificou a ultrageneralização do AD em nomes pelo informante na fase inicial, tanto na posição de tópico como de não tópico. Este fenómeno de *inundação* (ultrageneralização) do AD em SN nas primeiras fases da interlíngua é também notado por Chaudron e Parker (1990) e Young (1996). Gradualmente, o fenómeno da inundação decresceu em situações [-SR, -HK], e só foi usado o AD exclusivamente em casos [+SR, +HK] e [-SR,+HK]. A partir destes resultados, o autor sugeriu que o seu informante, inicialmente, associou o AD *the* ao traço [+HK].

---

<sup>1</sup> Neste trabalho o termo *nome* é equivalente ao termo *substantivo*.

Hawkins (2001) ilustrou brevemente, no seu estudo relacionado com a aquisição de SN, as distribuições de artigos nos quatro contextos linguísticos classificados com base nos dois traços binários:

**Tabela 1. Ocorrência de artigos e tipos de SN**

Classificação de contextos linguísticos <sup>2</sup>	Descrição de tipos de SN	Ocorrência de artigos
[+SR, -HK]	Quando um SN se refere a uma entidade específica que o ouvinte não consegue identificar a partir do que foi dito ou do contexto.	É usado AI ou não é usado artigo.
[-SR, -HK]	Quando um SN se refere a uma entidade não específica que o ouvinte não consegue identificar a partir do que foi dito ou do contexto.	É usado AI ou não é usado artigo.
[+SR, +HK]	Quando um SN se refere a uma entidade específica que o ouvinte consegue identificar a partir do que foi dito antes ou do contexto.	É usado AD.
[-SR, +HK]	Quando um SN se refere a uma entidade não específica ou entidades identificadas pelo ouvinte a partir do conhecimento geral da própria entidade, temos um caso de interpretação genérica.	É usado AD, AI, ou não é usado artigo.

Fonte: Hawkins (2001, pp. 233–234).

O mesmo autor acrescentou dois casos especiais dentro da categoria [+SR,+HK]: (i) nomes que são específicos e que fazem parte do conhecimento geral compartilhado pelo falante e ouvinte, por exemplo, *the Sun, the Moon...*; (ii) nomes partitivos e locativos que podem ser determinados como ‘conhecidos’ em virtude de ser uma parte de outro nome a que eles estão associados, por exemplo, *The bow of a ship came into view* (partitivo); *Write your name on the back of an envelope* (locativo).

Alicerçado na Roda Semântica de Huebner, Humphrey (2007, pp. 310–312), no seu estudo na área de aquisição do sistema de artigos em inglês L2 por alunos japoneses, dividiu os itens de um teste de preenchimento lacunar em cinco categorias. Além de manter o modelo original, acrescentou uma quinta categoria, que o autor designou de *colocações*<sup>3</sup>, e que é composta por frases fixas.<sup>4</sup>

**Tabela 2. Roda Semântica**

[+SR, +HK] referencial definido [the]	[-SR, +HK] genérico: [a/an], [the], [ø]
[the] único em todos os contextos: <i>The pope is from Poland.</i>	[a/an]:
[the] referência anafórica: <i>She...debuted with a single called "...". The single was a</i>	[the]:
	[ø]: <i>ø Dogs make ø good pets.</i>

<sup>2</sup> Com base nos dois traços binários.

<sup>3</sup> Tradução de *collocations* (Humphrey 2007, p. 310).

<sup>4</sup> Tradução de *set phrases* (Humphrey 2007, p. 310).

<i>success.</i>	
[the] específico por vinculação: <i>John caught a trout and a salmon. Then he put <b>the</b> fish into a basket.</i>	
[the] referência exofórica: <i>Can I use <b>the</b> car tonight?</i>	
[the] específico por definição: <i>Utada climbed to <b>the</b> top.</i>	
<b>[+SR, -HK] referencial indefinido, primeira menção: [a/an], [ø]</b>	<b>[-SR, -HK] não referencial: [a/an],[ø]</b>
[a/an] referencial indefinido: <i>She...debuted with <b>a</b> single called "...". The single was a success.</i>	[a/an] indefinido não específico: <i>If I won the Takarakuji, I'd buy <b>a</b> mansion in Tokyo.</i>
[ø] referencial indefinido: <i>She started writing <b>ø</b> songs in English.</i>	[ø] indefinido não específico: <i>What <b>ø</b> video would you recommend?</i>
<b>Colocação "forte" [a/an], [the], [ø]</b>	
[a/an] colocação 'forte' : <i>Set a record; In the space of a...</i>	
[the] colocação 'forte' : <i>Do you have the time?</i>	
[ø] colocação 'forte'	

Fonte: adaptação de Humphrey (2007, pp. 310–312).

Humphrey (2007) incluiu na classe [+SR, -HK] o uso de primeira menção num discurso.<sup>5</sup> A categoria [-SR, -HK] incluiu SNs que são interrogativos, negativos, ou no escopo da irrealidade (primeiro caso do [-SR, -HK]). O autor refere ainda que:

Tem havido muito debate entre os linguistas sobre se alguns SN devem ser classificados como genéricos ou se devem ser classificados como não-específicos (...) Os SN genéricos referem-se geralmente a toda a classe ou espécie. (2007, p. 312).

Os estudos descritos acima ilustram como as propriedades semânticas do SN no discurso desempenham um papel decisivo no uso de artigos. A seguir, iremos primeiramente mostrar como isto funciona na LP. Segue-se depois um estudo exploratório em que tentaremos detetar como a LC, uma língua que não possui um sistema de artigos, marca a determinação do SN nos contextos linguísticos classificados com base nos dois traços binários.

### 3. Sistema de artigos na LP

Na LP, os artigos pertencem a uma categoria gramatical variável em género e número e são elementos antepostos ao nome. Dividem-se em dois grupos: AD e AI. O grupo dos AD – *o, a, os, as* – deriva do acusativo do demonstrativo latino *illum, illam, illos, illas*, cuja evolução foi a seguinte: *illu(m) > elo > lo > o*; *illa(m) > ela > la > a*, etc. Pela origem, *o, a, os, as* estão ligados ao antigo demonstrativo latino (o que lhe garante o valor de demonstrativo atenuado). O grupo dos AI – *um, uma* – deriva do numeral latino *unum, unam* cuja evolução se deu da seguinte forma: *unum > ùu > ù > um*; *unam > una > ùa > uma* (Areal 1992, p. 88). A partir daí, as formas plurais foram desenvolvidas com o

<sup>5</sup> Por exemplo: *My apartment has a tatami room* (Humphrey 2007, p. 311).

sentido de “pequeno número indefinido de”: *uns, umas* (Azevedo 2005, p. 159). Os artigos e outros determinantes do português europeu “combinam-se com um grupo nominal (p.ex., *livro de ficção científica*) para produzir um sintagma nominal (p.ex., *o livro de ficção científica*), i.e., um constituinte capaz de designar uma entidade do universo do discurso, ou um grupo de tais entidades, em termos da sua identificação pelos interlocutores.” (Miguel & Raposo 2013, p. 819) Dependendo da sua forma e da sua função referencial, os SNs são divididos em definidos e indefinidos. Segundo Peres (2013),

os indefinidos permitem introduzir no universo de discurso entidades que os ouvintes numa dada situação de enunciação podem não identificar (embora recebam informação, por meio do nome comum, acerca de um dos conjuntos a que essas entidades pertencem), enquanto os definidos exigem algum tipo de conhecimento prévio das entidades que referem (mesmo que seja tão vago como o de que toda a gente tem um coração, necessário para se interpretar adequadamente a expressão *o meu coração*, quando alguém a enuncia). (2013, p. 766)

Segundo o mesmo linguista, os SNs definidos são classificados em três tipos: SNs definidos epistémicos, quando as entidades referidas pelo SN definido são, relativamente a um dado sistema de conhecimento do mundo, as únicas entidades identificáveis pelo nome (com ou sem complementos ou modificadores) a que está aplicado o determinante definido (como, por exemplo, em *o meu pai, o edifício mais alto do mundo, os alunos do Pedro*); SNs definidos textuais, nas situações em que as entidades referidas pelo SN definido já foram previamente introduzidas no contexto textual, servindo o SN definido apenas para as retomar; e SNs definidos situacionais (ou dêiticos), quando as entidades referidas pelo SN definido estão presentes no contexto situacional (2013, p. 766).

Além de nomes definidos e indefinidos, existe um sistema de nomes nus, nomes que ocorrem sem o determinante. Bernstein (2001) verifica que os nomes nus não perdem função de referência, sendo argumentos introduzidos por um determinante destituído de conteúdo lexical. Os nomes nus em português podem ser massivos ou contáveis plurais. Na frase *Costumo beber vinho ao jantar*, não se dá qualquer precisão sobre a quantidade ou porção de *vinho*. No exemplo em que o nome nu é contável plural, *Comprei cebolas na loja do Joaquim*, o uso específico de *cebolas* pode ser o primeiro elemento de uma cadeia anafórica. *Espero encontrar garoupas naquela peixaria*, é outro exemplo com o nome nu contável plural *garoupas*, mas que tem uma leitura genérica. Mateus *et al.* (2003) explicam que a leitura genérica dos plurais simples é uma opção marcada no português, só surgindo em função de certos fatores contextuais, com o uso de auxiliares do tipo de *dever*, o uso de *sempre* e o tempo presente. Há ainda frases como *Ele quer comprar casa*, em que o nome *casa* contém uma noção abstrata sem individualização, sendo considerado um nome contável categorizado. Por isso, o português é uma língua com um sistema de nomes nus, sendo marcados pela interpretação indefinida ou genérica.

A distribuição do artigo na LP é semelhante à da língua inglesa, isto é, o sistema de determinação representado pela categoria gramatical *Artigo* codifica a definitude, mas não a especificidade. De acordo com Ionin, Ko e Wexler (2003, 2004), os traços de

definitude e especificidade são duas escolhas de um Parâmetro da Escolha de Artigo<sup>6</sup>. O inglês e as línguas românicas, tal como o português, selecionam o traço de definitude, enquanto a língua samoana e as línguas polinésias selecionam o traço de especificidade. Acontece que os aprendentes cuja língua materna não possui o sistema do artigo flutuam, especialmente na fase inicial da aquisição desse sistema nas segundas línguas do primeiro grupo, entre a marcação de traços de definitude e especificidade. À medida que os aprendentes estão mais expostos ao *input* das segundas línguas, vão descobrindo que o artigo na língua em aquisição codifica a definitude.

Tendo como referência os estudos de Bickerton (1981), Huebner (1983, 1985), Hawkins (2001), Mateus *et al.* (2003), Ionin, Ko e Wexler (2003, 2004), Humphrey (2007), Miguel e Raposo (2013), e Peres (2013) ilustraremos a relação entre a ocorrência dos artigos portugueses e os tipos de SN:

- **Tipo [+SR, -HK]:** ocorrência de AI ou não ocorrência de artigo

(1)

a.

Bao3luo2 qu4 le0 yi1 ge4 yin2hang2 kai1 hu4.<sup>7</sup>

Paulo foi PAP<sup>8</sup> um CL<sup>9</sup> banco abrir conta.

‘O Paulo foi a **um** banco abrir uma conta.’

b.

Bao3luo2 xian1sheng1 kan4jian4 lin2ju1 zai4 zhai1 li2zi0.

Paulo senhor viu vizinho DUR<sup>10</sup> apanhar peras.

‘O Sr. Paulo viu o vizinho a apanhar **o** peras.’

- **Tipo [-SR, -HK]:** ocorrência de AI ou não ocorrência de artigo

(2)

a.

Bao3luo2 yao4 xie3 (yi1) feng1 xin4 gei3 peng2you3.

Paulo tem de escrever um CL carta dar amigos.

‘O Paulo tem de escrever **uma** carta aos amigos.’

<sup>6</sup> Tradução de *Article Choice Parameter*.

<sup>7</sup> Tradução em chinês.

<sup>8</sup> PAP - partícula aspeto perfectivo *le0*.

<sup>9</sup> CL – classificador.

<sup>10</sup> DUR - durativo *zai4*.

b.

Ka3luo2si1 he2 ruo4ze2 shi4 wo3men2 da4xue2 de0 xue2sheng1.  
 Carlos e José são nós universidade ASSOC<sup>11</sup> estudantes.

‘O Carlos e o José são  $\emptyset$  estudantes na nossa universidade.’

- **Tipo [+SR, +HK]:** ocorrência de AD

(3)

Hai2zi0 (shi4) na3 tian1 chu1sheng1 de0?  
 Bebê *shi*<sup>12</sup> qual dia nasceu *de*<sup>13</sup>.

‘Em que dia nasceu o bebê?’

- **Tipo [-SR, +HK]:** ocorrência de AD, de AI ou não ocorrência de artigo

(4)

a.

Quan2ji1 shi4 yi1 xiang4 chulming2 de0 yun4dong4.  
 Boxe é um CL famoso NOM<sup>14</sup> desporto.

‘O boxe é um desporto famoso.’

b.

Jian4kang1 de0 gou3 zong3shi4 you3 falliang4 de0 mao2.  
 Saudável NOM cão sempre tem luzidio NOM pelo.

‘Um cão saudável tem sempre o pelo luzidio.’

c.

Wo3 bu4 xi3huan1 chi1fan4 shi2 he1 shui3.  
 Eu não gosto comer hora beber água.

‘Não gosto de beber  $\emptyset$  água às refeições.’

Pelo exposto acima, verifica-se que o uso de artigos depende da possibilidade de o ouvinte ser ou não capaz de identificar o referente do SN. Além disso, é também determinado pelas propriedades do nome como [+contável], [+singular] e [+massivo]. A distinção entre o AI e o AN em contexto assenta na interpretação do traço Número de SN. Young (1991, 1996) descobriu que alguns erros que os aprendentes cometeram no uso de artigos são originados a partir de um erro lógico prévio: má-especificação do traço [+contável].

<sup>11</sup> ASSOC - associativo *de*  $\emptyset$ .

<sup>12</sup> “*shi4...de0*” é uma estrutura para enfatizar a parte representada pelas reticências. Segundo Huang e Shi, é comumente usada na formação de interrogativas-WH para obter respostas a perguntas pertinentes à informação focal (2016, p. 547).

<sup>13</sup> cf. nota de rodapé 17.

<sup>14</sup> NOM – nominalizador de  $\emptyset$

O número singular é um fator forte na promoção do AI. O peso do fator [-contável] é significativo e favorece a não ocorrência do artigo.

Mateus *et al.* (2003) consideram que as operações de definitização fazem corresponder a uma dada expressão linguística um único objeto identificado para o locutor, e pressuposto por este como identificável pelo(s) seu(s) interlocutor(es). Quanto às operações com indefinidos, os mesmos autores explicaram que:

As expressões (...) são indefinidas, ou seja, na parte singular considerada não há identificação de um indivíduo no discurso, de modo que o interlocutor não conhece qual, de todas as entidades singulares possíveis do conjunto considerado, é aquela a que o discurso se refere. (2003, p. 224)

#### 4. Marcação de determinação na LC

Como funciona a língua chinesa nos contextos em que os portugueses empregam artigos para marcar o estatuto definido ou indefinido de SN?

As línguas como o chinês têm definitude semântica/pragmática para marcar alguma coisa ou alguém como identificável dentro do discurso, enquanto outras línguas, como o português, têm definitude gramatical (Zhang 2014). A definitude gramatical é um processo através do qual uma língua gramaticaliza o conceito de referencialidade. A LC, em vez de artigos, recorre a outros mecanismos através dos quais se marca a determinação de SN. Zhang (2014) descreve a LC neste sentido, seguindo a proposta de três traços linguísticos que Chen (2004, p. 1151) apresentou para indicar se um nome deve ser interpretado como definido ou indefinido, sendo eles de natureza lexical, morfológica ou estrutural.

##### a) Léxico

Na LC, recorre-se a marcadores lexicais para indicar a determinação de SN, tais como demonstrativos e quantificadores universais.

Os demonstrativos *zhe4* e *na4* (formas singulares) e *zhe4xie1* e *na4xie1* (formas plurais) são os marcadores definidos mais comuns na LC (Huang & Shi 2016, p. 207).

(5)

**Zhe4** tian1qi4 zhen1 guai4.

Este tempo realmente esquisito.

‘O tempo está realmente esquisito.’<sup>15</sup>

(6)

Ta1 mai3 le0 yi1 tiao2 qun2zi0, **na4** yan2se4 zhen1 piao4liang4.

Ela comprou PAP uma CL saia aquela cor realmente bonita.

‘Ela comprou uma saia. A cor é realmente bonita.’

<sup>15</sup> Tradução em português.



Como se distinguem *zhe4* e *na4*? Normalmente *zhe4* é usado quando o referente está próximo da pessoa que fala, e quando está longe, *na4* é usado. Na situação em que é usado anaforicamente, *zhe4* é preferido para um referente que acaba de ser introduzido no discurso. Quando o referente volta a aparecer no discurso, particularmente após a intervenção de outros referentes, *na4* é mais usado. E no caso em que não há elemento deítico envolvido e o referente depende da cláusula relativa acompanhada que o determina, *na4* é mais usado. No entanto, ambos são pouco usuais em estruturas consideradas prototípicas do AD, sobretudo no que se refere à determinação relativa à partilha do conhecimento específico ou geral ou à referência indireta por associação (Zhang 2014).

São também marcadores definidos os quantificadores universais chineses, que incluem quantificadores universais coletivos *suo3you3/yi1qie4* (todo) e distributivos *mei3/ge4* (cada).

(7)

**Yi1qie4** wen4ti2 dou1 ke3yi3 jie3jue2.

Todos problema todos podem resolver.

‘Todos os problemas podem ser resolvidos.’

Quanto aos marcadores indefinidos, a construção *yi1<sup>16</sup>+CL* é a mais usada.

(8)

Wei4le0 zhe4 jian4 shi4, wo3 qing3 le0 **yi1 ge4** gong1cheng2shi1 lai2.

Para este CL assunto eu convidei PAP um CL engenheiro vir.

‘Para este assunto, convidei um engenheiro.’

Em determinadas situações, *yi1*, com um peso morfológico e fonologicamente atenuado, tende a ser omisso.

### b) Morfologia

Alguns classificadores monossilábicos e, em certos casos, nomes monossilábicos são reduplicados, ganhando, assim, a função de quantificadores universais distributivos.

(9)

**Zhong3zhong3** yin1su4 dou1 ying1gai1 kao3lu4 jin4 qu4.

Todos fatores todos devem considerar entrar ir.

‘Todos os fatores devem ser considerados.’

---

<sup>16</sup> É o numeral *um*.

### c) Posição

O fator da posição frásica é fundamental para se distinguir se um nome é definido ou não definido, especialmente para os nomes nus<sup>17</sup>, ou seja, os nomes que não são acompanhados de nenhum marcador definido ou indefinido, nem submetidos ao processo de gramaticalização de reduplicação, ou modificados por *yi l* + CL.

(10)

Wo3 zai4 mai3 ø shu1.

Eu DUR comprar livro.

‘Estou a comprar um livro/livros.’

(11)

Wo3 ba3 ø shu1 mai3 le0.

Eu BA<sup>18</sup> Livro comprei PAP

‘Eu comprei o(s) livro(s).’

Os nomes chineses mostram uma evidente inclinação para serem interpretados como definidos em posições propensas para os definidos, como também para serem interpretados como indefinidos em posições propensas para os indefinidos. Chen (2004, p. 1168) enumera as seguintes posições: (i) posições inclinadas para o definido: sujeito, *ba3*+objeto, objeto pré-verbal, e primeiro objeto do verbo bitransitivo<sup>19</sup>; (ii) posições inclinadas para o indefinido: objeto do verbo existencial *you3*<sup>20</sup>, substantivo pós-verbal em frases introdutórias, substantivo pós-verbal em frases existenciais, segundo objeto do verbo bitransitivo.

Na LC, as posições favorecem expressões definidas ou indefinidas, não significando, porém, que se trata de um fator decisivo absoluto. No caso de o fator *posição* não ter efeito, já são os contextos linguístico e extralinguístico que ajudam na interpretação de determinação de SN.

Tendo descrito resumidamente diversos mecanismos que marcam a determinação de SN na LC, iremos, em seguida, explorar como são aplicados os mesmos em relação ao modelo dos dois traços binários.

- **Tipo [+SR, -HK]:** (*yi l*)<sup>21</sup> + CL + nome ou nome nu

<sup>17</sup> Designa-se por *bare noun* em inglês.

<sup>18</sup> BA - preposição *ba3*.

<sup>19</sup> É com verbo transitivo direto e indireto, que pede dois objetos: um é o objeto direto e o outro é o objeto indireto (Li e Thompson 1989, p. 165).

<sup>20</sup> *You3* quando é o elemento principal do predicado da frase, denota posse ou existência, e faz, frequentemente, um objeto (Zhao 1996, p. 45).

<sup>21</sup> Opcional.

(12)

a.

Ta1 zu1 le0 (yi1) ge4 fang2zi0.

Ele alugou PAP (uma) CL casa.

‘Ele alugou uma casa.’

b.

Cheng2 li3 you3 gong1yuan2.

Cidade dentro há parque.

‘Há parques na cidade.’

- **Tipo [-SR, -HK]:** (yi)<sup>22</sup> + CL + nome ou nome nu

(13)

a.

Kuai4 qu4 jiao4 (yi1) ge4 ren2 lai2.

Rápido ir chamar (yi) CL pessoa vir.

‘Despacha-te e chama alguém.’

b.

Wo3 qu4 mai3 shu1 le0.

Eu fui comprar livro PEAR<sup>23</sup>.

‘Fui comprar um livro/livros.’

- **Tipo [+SR, +HK]:** demonstrativo + CL + nome, quantificador universal + nome ou nome nu

(14)

a.

Qing3 ba3 zhe4/na4 zhang1 yi3zi3 ban1 dao4 na4 jian1 fang2jian1 qu4.

Favor BA esta/aquela CL cadeira deslocar para aquele CL quarto ir.

‘É favor deslocar esta/aquela cadeira para dentro daquele quarto.’

b.

Yi1qie4 yin1su4 dou1 ying1gai1 kao3lu4 jin4 qu4.

Todos factores todos devem considerar entrar ir.

‘Todos os fatores devem ser considerados.’

c.

Wo3 ba3 zi4dian3 mai3 le0.

---

<sup>22</sup> Opcional.

<sup>23</sup> PEAR – partícula do estado atualmente relevante *le0*.

Eu BA dicionário comprei PAP.

‘Comprei o(s) dicionário(s).’

- **Tipo [-SR +HK]:** nome nu

(15)

Mao1 xi3huan1 he1 nai3.

Gatos gostam beber leite.

‘Os gatos gostam de beber leite.’

Na secção anterior encontra-se descrito que a interpretação do traço Número de SN contribui para o uso correto do artigo em português, especialmente na distinção entre o uso de AI e não ocorrência de artigo. Então como é que a LC funciona neste sentido?

Nos estudos relacionados com a LC, tem sido declarado que não há a distinção contável-massivo em nomes chineses, ou, todos os nomes em chinês são massivos *default* (Krifka 1995). Chierchia (1998) declara que os classificadores<sup>24</sup>, como “palavras de medida”, tornam nomes massivos em contáveis. Os nomes chineses envolvem classificadores porque os seus nomes, como nomes massivos, pedem que as expressões de medida se combinem com numerais. Por isso, a LC não possui nenhuma distinção gramatical de Número.

Por outro lado, Zhang defende a existência do traço [+contável] em chinês, comentando que

o fato de o chinês ser uma língua em que os nomes podem ocorrer sem marcação de contabilidade não significa que esta língua não possua distinção lexical entre nomes contáveis e massivos. (2008, p. 32)

Para o autor, a distinção lexical dos nomes contáveis e massivos está relacionada com as relações entre nomes e classificadores. Outro defensor desta perspetiva, Yip (2009), menciona um bom teste: o classificador individual *ge4* não pode ser aplicado a nomes massivos, por exemplo,

(16)

a.<sup>25</sup>

\*yi1 ge4 shui3

uma CL água

‘uma água’

\* yi1 ge4 rou4

uma CL carne

‘uma carne’

<sup>24</sup> Os classificadores, chamados de *liang4ci2* em chinês, denotam as unidades de coisas ou ações e podem ser divididos entre os que classificam os nomes e os que classificam os verbos (Zhao 1996, p. 31).

<sup>25</sup> Hoje em dia, os chineses dizem *yi1 ge4 shui3* ou *yi1 ge4 rou4* para pedir uma garrafa/lata de água ou um prato de carne, no restaurante.

b.

*yil	<b>ge4</b>	xue2sheng1	* yil	<b>ge4</b>	ping2guo3
um	CL	aluno	uma	CL	maçã
'um aluno'			'uma maçã'		

Segundo 16a e 16b, os nomes que podem combinar-se com o classificador *ge4* têm que ser nomes contáveis. Outra evidência é o morfema *-men2*, que funciona primeiramente como marcador coletivo que transporta a leitura definida ou específica e pode manifestar, de algum modo, a pluralidade de nome que se refere a seres humanos ou animais/objetos personificados: *tong2shi4* (colega)-*men2* significa *colegas*; *hou2zi0* (macaco)-*men2*, macacos.

Zhang (2009) exemplifica o sufixo do diminutivo *-zi0*, que nunca ocorre em nomes massivos.

(17)

* shui3-zi0	bei1-zi0
água-DIM <sup>26</sup>	copo-DIM

Em conclusão, Yip declara que

línguas com classificadores têm substantivos contáveis, bem como substantivos massivos. Eles têm dispositivos morfossintáticos para distinguir substantivos contáveis de substantivos massivos. (2009, p. 3)

## 5. Comparação entre as duas línguas nos contextos classificados com base nos traços binários

Tendo acabado a respetiva análise para a LP e a LC, importa proceder a um estudo comparativo entre as duas línguas para se evidenciarem as características próprias de cada uma, como também as suas discrepâncias, que possivelmente contribuem para explicitar pontos difíceis que os alunos de língua materna chinesa encontram no uso de artigos da LP.

Na Tabela 3 encontram-se SN portugueses e chineses distribuídos pelos quatro contextos classificados com base nos traços binários.

**Tabela 3. Distribuição de SN portugueses e chineses nos quatro contextos**

Contextos	SN português	SN chinês
[+SR, -HK]	AI + nome Nome nu	(yil)+CL+nome Nome nu
[-SR, -HK]	AI + nome Nome nu	(yil)+CL+nome Nome nu
[+SR,+HK]	AD + nome	Demonstrativo+CL+nome Quantificador Universal+nome

<sup>26</sup> DIM - diminutivo.

		Nome nu
[-SR,+HK]	AD + nome AI + nome Nome nu	Nome nu

Fonte: elaborada pela autora.

Pela observação da Tabela 3, concluímos que, nos contextos [+SR, -HK] e [-SR, -HK], ocorrem AI + nome, ou nome nu em português e, por outro lado, em chinês, são usados (*yi*) + CL + nome ou apenas nome nu para se referenciar o indefinido de SN, tanto específico como não específico. No contexto [+SR,+HK] é usado AD + nome em português. O chinês recorre a marcadores lexicais (demonstrativo ou quantificador universal) para indicar a propriedade de SN ou apenas ao uso de nome nu. No contexto [-SR,+HK] em que se exprime predominantemente o sentido genérico de SN, o português usa AD + nome, AI + nome, ou nome nu, e em chinês, só são permitidos nomes nus.

Chamamos especial atenção para os casos de nomes nus. Na LP, os nomes nus contáveis no plural e massivos no singular são geralmente interpretados como indefinidos ou genéricos, no contraste paradigmático com os mesmos nomes precedidos dos AD. Em contrapartida, os nomes nus chineses podem ter leitura definida ou indefinida. Que significado é realmente realizado depende da intenção do falante e, conseqüentemente, da posição estrutural que o falante atribui ao nome (Huang & Shi 2016, p. 227).

## 6. Considerações finais

Este estudo contrastivo, baseado na teoria dos dois traços binários, é importante porque providencia um mecanismo para a aplicação correta do sistema do artigo com base na interpretação dada ao SN, nomeadamente em termos da sua definitude. Os alunos de língua materna chinesa têm que passar do recurso aos marcadores lexicais e à posição estrutural, com os quais se marca a determinação do SN na língua materna, para o uso de artigos como forma de indicar o caráter definido ou indefinido do SN na segunda língua. No processo da aquisição do artigo do português, a falha verificada no caso dos aprendentes deve-se à dificuldade em fazer corresponder as formas morfológicas às representações de traços abstratos (Zhang 2018, p. 1146). Por isso, é fundamental os aprendentes estarem cientes de que, como Snape e Kupisch (2017, p. 96) descrevem, em línguas como o inglês, espanhol e francês (incluindo o português), os artigos codificam a definitude, não a especificidade. Daí o facto de o uso do artigo apropriado para uma determinada situação do discurso estar ligado ao conhecimento compartilhado entre os falantes e os ouvintes. Percebendo este uso do artigo, os aprendentes chineses conseguirão, com mais facilidade, fazer um mapeamento correto entre a forma e o significado.

Com base na proposta de Ionin, Ko e Wexler (2003, 2004), os aprendentes chineses a adquirir o artigo em português manifestam a flutuação entre a definitude e a especificidade, o que é considerado uma propriedade do desenvolvimento da sua segunda língua. A comparação realizada neste estudo mostra as formas de expressão nominal, na sua língua materna chinesa, nos diferentes contextos linguísticos classificados com base nos traços binários, podendo ajudar os alunos a estabelecer uma relação correspondente

entre as formas de expressão nominal da língua portuguesa e da língua chinesa. Nesse caso, os aprendentes chineses passarão a precisar de menos tempo de exposição ao *input* do português para conseguirem deixar de oscilar entre a definitude e a especificidade, na escolha de um artigo correto. Por isso, concluímos que os resultados do presente estudo facilitarão a identificação da determinação do SN em português por aprendentes chineses.

## Referências

- Areal, A. (1992). *Curso de português: Questões de gramática. Noções de latim*. Vila Nova de Gaia: Edições ASA.
- Azevedo, M. M. (2005). *Portuguese: A linguistic introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bernstein, J. (2001). The DP Hypothesis: Identifying clausal properties in the nominal domain. In M. Baltin & C. Collins (Eds.), *The handbook of contemporary syntactic theory* (pp. 536–561). New Jersey: Blackwell Publishers Ltd. <https://doi.org/10.1002/9780470756416.ch17>
- Bickerton, D. (1981). *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma Publishers, Inc.
- Chaudron, C., & Parker, K. (1990). Discourse markedness and structural markedness: The acquisition of English noun phrases. *Studies in Second Language Acquisition*, 12(1), 43–64. <https://doi.org/10.1017/S0272263100008731>
- Chen, P. (2004). Identifiability and definiteness in Chinese. *Linguistic – an Interdisciplinary Journal of the Language Science*, 42(6), 1129–1184. <https://doi.org/10.1515/ling.2004.42.6.1129>
- Chierchia, G. (1998). Reference to kinds across languages, *Natural Language Semantics*, 6, 339–405.
- Cunha, C., & Cintra, L. (2002). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Hawkins, R. (2001). *Second language syntax: A generative introduction*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Huang, C-R., & Shi, D-X. (2016). *A reference grammar of Chinese*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Huebner, T. (1983). *A longitudinal analysis of the acquisition of English*. Ann Arbor: Karoma Publishers, Inc.
- Huebner, T. (1985). System and variability in interlanguage syntax. *Language Learning*, 35(2), 141–163. <https://doi.org/10.1111/j.1467-1770.1985.tb01022.x>
- Humphrey, S. J. (2007). Acquisition of the English article system: Some preliminary findings. *Journal of School of Foreign Languages, Nagoya University of Foreign Studies*, 32, 301–325.
- Ionin, T., Ko, H., & Wexler, K. (2003). Specificity as a grammatical notion: Evidence from L2-English article use, In G. Garding and M. Tsujimura (Eds.), *Proceedings of WCCFL 22* (pp. 245–258). Massachusetts: Cascadilla Press.
- Ionin, T., Ko, H., & Wexler, K. (2004). Article Semantics in L2-acquisition: the role of specificity. *Language Acquisition*, 12(1), 3–69. [https://doi.org/10.1207/s15327817la1201\\_2](https://doi.org/10.1207/s15327817la1201_2)
- Krifka, M. (1995). Common nouns: A contrastive analysis of Chinese and English. In G. Carlson & F. Pelletier (Eds.), *The generic book* (pp. 398–411). Chicago: The University of Chicago Press.
- Li, C. N., & Thompson, S. A. (1989). *Mandarin Chinese*. California: University of California Press.
- Mateus, M. H. M. et al. (2003). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- Miguel, M., & Raposo, E. (2013). Determinantes. In E. Raposo et al. (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 819–879). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Peres, J. A. (2013). Semântica do sintagma nominal. In E. Raposo et al. (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 735–815). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Snape, N., & Kupisch, T. (2017). *Second Language Acquisition: Second Language Systems*. London: Palgrave.
- Yip, C. L. (2009). *The Chinese DP*. (Dissertação de mestrado, University of Washington, (Washington DC).
- Young, R. (1991). *Variation in interlanguage morphology*. New York: Peter Lang.
- Young, R. (1996). Form-function relations in articles in English interlanguage. In R. Bayley & D. Preston (Eds.), *Second language acquisition and linguistic variation* (pp. 135–176). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Zhang, J. (2014). Comparação do sistema de determinação/indeterminação entre a língua portuguesa e a língua chinesa. In M. J. Grosso & A. Godinho (Eds.), *O português na China – Ensino e investigação* (pp. 56–86). Lisboa: Lidel.
- Zhang, J. (2018). Estudo da variação no uso do artigo em português L2 por falantes de língua materna chinesa. *Domínios de Linguagem*, 12(2), 1144–1161. <https://doi.org/10.14393/DL34-v12n2a2018-17>
- Zhang, J. B. (2008). *Nomes nus e classificadores do chinês mandarim. Uma análise a partir da tipologia linguística sobre os sintagmas nominais* (Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, Brasil).
- Zhang, N. N. (2009, abril 10). *Syntactic properties of numeral classifiers in Mandarin Chinese*. Talk given at the Graduate Institute of Linguistics, National Chung Cheng University, Taipei.
- Zhao, Y. (1996). *Gramática concisa da língua chinesa* (M. Trigoso, Trad.) Macau: Instituto Politécnico de Macau.

[recebido em 28 de fevereiro de 2020 e aceite para publicação em 26 de maio de 2020]